

João Felipe Machado Saccomani

O trajeto estudante-estagiário-psicólogo: afetos, encontros e incertezas.

Uberlândia

2023

João Felipe Machado Saccomani

O trajeto estudante-estagiário-psicólogo: afetos, encontros e incertezas.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula Cristina Medeiros Rezende

Uberlândia

2023

João Felipe Machado Saccomani

O trajeto estudante-estagiário-psicólogo: afetos, encontros e incertezas.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula Cristina Medeiros Rezende

Banca Examinadora

Uberlândia, 01 de dezembro de 2023

Prof.^a Dr.^a Paula Cristina Medeiros Rezende (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Ma. Clara Moriá Borges Rodrigues (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Ma. Vanessa Aparecida Diniz Parreira (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Uberlândia

2023

Resumo

O que compõe ser um bom psicólogo? Como e quem valida essa condição? Estas indagações, em seu conjunto, movimentaram a escrita deste trabalho que tem por objetivo: compartilhar reflexões sobre o percurso de um graduando de psicologia, buscando compreender os contornos entre os posicionamentos de estudante de psicologia, estagiário e psicólogo, utilizando a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural como referencial teórico para a exploração e análise deste trajeto. Para tal, foram analisadas sete cartas escritas pelo próprio graduando e endereçadas a diferentes destinatários. As cartas, em geral, registram momentos de reflexão a respeito da formação em psicologia e seus atravessamentos. Abrem diálogo com os afetos sentidos no percurso, referem sobre a relação com os pares e dilemas que circunscrevem tal formação e especialmente tratam sobre: contraste entre cognição e emoção, composições sobre ser um bom psicólogo, necessidade por resultados rápidos, medos e dúvidas em geral. A partir desta análise, é possível compreender que o caminho estudante-estagiário-psicólogo é singular e bastante complexo. Geralmente, o caminho percorrido não é linear, pelo contrário, repleto de idas, vindas, encontros e desencontros, com incertezas e desconfianças que permanecem mesmo após a graduação.

Palavras-chave: Formação em Psicologia, Graduação em Psicologia, Estágio em Psicologia, Teoria Histórico-Cultural.

Abstract

What composes being a good psychologist? How and who validates this condition? These questions, altogether, moved the writing of this work, which aims to: share reflections on the journey of a psychology graduate, seeking to understand the contours between the positioning of psychology student, intern and psychologist, using the perspective of Historical-Cultural Psychology as a theoretical framework for the exploration and analysis of this path. Therefore, seven letters written by the graduate himself and addressed to different addresses were analyzed. The letters, in general, record moments of reflection regarding formation in psychology and its resonances. They open a dialogue with the affections felt along the way, talk about the relationship with peers and dilemmas that circumscribe such formation and, especially, deal with: contrast between cognition and emotion, compositions about being a good psychologist, need for quick results, fears and doubts in general. From this analysis, it is possible to understand that the student-intern-psychologist path is unique and quite complex. Generally, the path taken is not linear, on the contrary, it is full of backwards and forwards, meetings and disagreements, with uncertainties and mistrust that remain even after graduation.

Keywords: Formation in Psychology, Graduation in Psychology, Internship in Psychology, Historical-cultural theory.

Sumário

O CAMINHO	7
Minhas andanças	8
Aproximações teóricas	11
MARCADORES DA ELABORAÇÃO DESTE TRABALHO	13
DESCOBRINDO O CAMINHO	15
Quem caminha comigo?	16
Afetos	19
Minhas preocupações	22
O FIM DO CAMINHO?	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	31

O CAMINHO

“[...] Todos os dias, cada dia com um olhar atento sobre algo novo no trajeto, mas sempre com seus quatro encontros, a sentir falta quando algum não tá. Valentin tem me ensinado sobre os caminhos, caminhares e destinos, que o chegar não é mais valioso que a andança.” (Genifergerhardt, 2014)

O trecho acima encerra o vídeo “Caminhando com Tim Tim”, que registra o trajeto de Valentin, uma criança de aproximadamente dois anos, e sua mãe. Enquanto caminham até a casa da avó, a mãe de Valentin narra sobre o tempo e sobre os encontros vividos pela criança durante o percurso. Esse vídeo tem me feito reparar no trajeto que tenho construído ao longo da graduação do curso de psicologia. Quais são minhas paradas? Quem caminha comigo? Que encontros eu destaco como potentes? Quais “portas” terei que atravessar para me entender como psicólogo? O que tem me chamado a atenção?

Compreendi que as expectativas geradas pelo “fim do curso” trazem muitos sentimentos e que, mesmo atravessado pela reflexão de que a parte interessante está no processo, eu não estou salvo da angústia própria dos que estão finalizando cursos de graduação. Nessa condição fui tecendo algumas indagações: Será que vou ser um bom psicólogo? Oferecerei um serviço de qualidade? O trajeto que tenho percorrido vai me garantir um destino interessante?

Cinco anos atrás pensava que quando eu chegasse aos estágios estaria pronto e confiante, porém, durante o desenvolvimento do curso me deparei com um João Felipe diferente do idealizado. Sempre considerei que ser um estudante dedicado seria o suficiente para um atendimento de qualidade, então imaginava que ao me dedicar aos conteúdos, chegaria “pronto” nos estágios. Porém, após ingressar nos estágios, percebi que ser Psicólogo é muito mais do que apenas o conteúdo aprendido em sala. Entendi que o aprendizado

acadêmico é uma parte, mas não define a atuação de um Psicólogo. É preciso sensibilidade, cuidado, respeito e outras muitas composições que vou descobrindo no caminho, assim, me senti despreparado. Tinha muito medo de não ser bom o suficiente, de não saber o que fazer, de não oferecer um bom atendimento, queria já saber tudo, ser um bom psicólogo. Todos esses pensamentos me encheram de novas perguntas: O que é ser um bom psicólogo? Como saber se estou sendo um bom profissional? O que é ser suficiente? Quem valida essa suficiência? Quais espaços/discussões poderiam contribuir para a construção de posicionamentos que extrapolam o conteúdo acadêmico?

Tomado por essas questões e reconhecendo que essas problematizações eram também compartilhadas pelos meus pares, escolhi debruçar sobre esse trajeto, analisando com mais atenção os caminhos vivenciados durante o curso. Portanto, o objetivo deste trabalho é compartilhar reflexões pontuais sobre o meu percurso enquanto graduando de Psicologia, buscando compreender como se dá o trânsito entre os posicionamentos de Estudante, Estagiário e Psicólogo, utilizando a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural como referencial teórico para a exploração e análise deste trajeto.

Minhas andanças

Para começar a pensar no percurso que vivenciei para caminhar entre estudante, estagiário e psicólogo, precisarei falar sobre como foram minhas “andanças”. Começarei contando minha trajetória com a esperança que os ajude a entender um pouco sobre como tudo isso foi me constituindo.

Assim como grande parte dos estudantes, ingresso ao curso de Psicologia sem conhecer nada, não sabia sobre a existência de abordagens e, sobre as diversas áreas de atuação, com exceção da clínica. Então, durante os primeiros períodos tive que lidar com essa dualidade de conhecer os conteúdos, mas também de me familiarizar com as abordagens e

áreas de atuação. No início do curso explorei os diversos terrenos para descobrir o que mais gostava, e desde as primeiras leituras fui me aproximando da Psicologia Escolar. Pude ler textos que me mostraram outras possibilidades de atuação e, ainda, uma forma crítica de fazer Psicologia.

Conheci a Psicologia Histórico-Cultural, que no começo era apenas aquela Psicologia do tal soviético, que fazia sentido, mas que eu ainda não conseguia realmente entender as diferenças com as outras teorias. Quando faço a disciplina de Epistemologia consigo fazer a reflexão sobre de onde as teorias vêm e a quem beneficiam, e é neste momento que minha paixão cresce, esse olhar crítico para a sociedade e também a forma de entender o ser humano me ganham e, a partir daí, minha graduação toma rumo apoiada nesta abordagem.

A aproximação da Psicologia Escolar e o desejo por trabalhar e estar com crianças me levaram à Brinquedoteca, na qual participo de um projeto de extensão chamado Parangolé: Brincando com Arte. Acho que ingressei no projeto apoiado no senso comum sobre ele, achando que ficaria só brincando com crianças, mas fui surpreendido. Pude perceber que o brincar nunca pode estar acompanhado da palavra “só”, deve ser entendido e reconhecido como potência e como mediador importantíssimo do desenvolvimento, tanto para mim, brinquedista, como para aqueles que frequentavam o espaço.

Mas não foi só isso, o projeto carrega arte no nome, e fui inundado por ela. Confesso, no começo foi difícil, me questionei se eu era essa pessoa “artística”, já que era muito difícil tentar ser, mas conheci outras formas de me expressar artisticamente e me senti mais sensível, e nas discussões entendi como que essa sensibilidade me ajudaria na minha atuação. Silva (2004) refere que ao entrar em contato com a arte as pessoas acessam características que são constituintes de sua condição humana, isto é, entram em contato com seus sentimentos. Ainda, a autora questiona “Não são essas, também, características do material de trabalho do psicólogo?” (Silva, 2004, p. 101), e eu não consigo, e nem quero, discordar.

Depois desses bons momentos, entramos na pandemia e, falando especificamente da graduação, foi um momento muito delicado, foi desafiador dar seguimento ao curso apenas na frente do celular e computador, com todas as interações atravessadas pela tela. Apesar disso, tive oportunidade de concluir o estágio básico em clínica e ingressar em um projeto de extensão. Esses foram dois “encontros” muito importantes para minha trajetória.

No meu estágio básico acompanhei uma estagiária do profissionalizante e seus atendimentos com uma adolescente, foi o meu primeiro contato com a prática clínica e achei incrível, a escuta, as reflexões e o compromisso, tudo isso me encantou. Fui tomado por uma vontade de “quero mais”, queria experimentar essa sensação do encontro, queria me arriscar, queria me sentir capaz de realizar esse trabalho e, por isso, não via a hora de chegar no 8º período para poder realizar o estágio.

O segundo ponto foi o programa de extensão que se chama “Diário de Ideias”, que é uma metodologia de ensino elaborada por uma professora da Escola de Educação Básica da UFU (Eseba). A metodologia utiliza como base o tripé experienciar-registrar-compartilhar, buscando favorecer tipos de aprendizagens mais complexas, acreditando no potencial das crianças e apostando em uma educação significativa, que se constitui a partir de experiências vivenciadas na vida dessas crianças (Muniz, 2020). Sempre gostei de estudar o desenvolvimento e aprendizagem infantil, por isso, quando surge a oportunidade de entrar para o programa Diário de Ideias não hesitei. Fui aprofundando meus conhecimentos sobre o tema e entrando em contato com autores que ainda não tinha lido, como González Rey e Mitjáns Martínez.

Esse desejo pela atuação clínica permaneceu, e ao chegar no 8º período, momento muito esperado, fui aprovado em dois estágios. O primeiro deles foi um estágio na ênfase de Psicologia Escolar, no qual realizamos Avaliação Psicoeducacional de crianças com queixa escolar, e o segundo foi um estágio na ênfase de Psicologia Clínica. Ambos utilizavam a

Psicologia Histórico-Cultural para sustentar a atuação e a forma de entender o ser humano, e foram realizados no Centro de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, uma clínica-escola do Instituto de Psicologia.

Este trabalho de conclusão de curso parte das experiências vivenciadas neste período, mas eu não poderia iniciar deste ponto, pois compreendo que o psiquismo se desenvolve/constitui a partir de interações sócio-histórico-culturais, uma vez que se dará a partir dos processos de objetivação e apropriação da cultura. Com isso quero dizer que o desenho do caminho atual só foi possível pelas e a partir das escolhas que o antecederam. Assim, o homem deve ser compreendido a partir das relações produzidas, considerando o caráter concreto de sua vida social e individual (Silva et al., 2013; Braz-Aquino & Albuquerque, 2016). Ou seja, os caminhos que segui me constituem e, por conseguinte, constituem essas experiências que aqui foram relatadas, que não podem ser entendidas/compreendidas sem considerar toda a “andança”.

Aproximações teóricas

Começar o curso de graduação em Psicologia me provocou um turbilhão de sentimentos e, por um instante, tive a sensação de que eram individuais, porém, após conversas com colegas de curso pude perceber que esses sentimentos são compartilhados, podendo até ser diferentes, mas perpassando esse momento do estudante de Psicologia. Os sentimentos que atravessam o percurso de graduação em psicologia são muito diversos, como medos, expectativas e ansiedades, e já foram explorados e descritos em artigos das mais diversas abordagens da Psicologia (Ribeiro, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Sá, Azevedo & Leite, 2010).

Como disse, minha formação foi atravessada por esses diversos sentimentos, quase sempre muito inseguro em relação à minha atuação. Silva et al. (2013) explica que a partir do

questionamento e da crítica que se dá a formação, uma vez que essas ações possibilitam a conceitualização daquilo que foi questionado anteriormente. Eu me identifico com esse apontamento, pois percebo que minha formação e prática foram acompanhadas pela autocrítica e questionamento, já que sempre me questioneei se concordava com aquilo que estava estudando. Também fui sempre buscando uma Psicologia que contemplasse minha forma de entender o mundo, foi o que encontrei na Psicologia Histórico-Cultural.

Pino (2005) e Sirgado (2000) afirmam que Vigotski inova ao trazer a cultura como parte central para a concepção do desenvolvimento do homem, o que cinde com a ideia de uma visão naturalizante do homem, mudando de forma qualitativa os debates na Psicologia sobre o desenvolvimento humano (Silva et al., 2013). Isto é, o homem é constituído pelas suas relações interpessoais, história e cultura, e ao se apropriar da cultura que o homem se humaniza (Souza Filho & Martins, 2022.; Moretti, Asbahr & Rigon, 2011; Clarindo, 2020). O homem é constituído nas relações sociais vivenciadas (Vigotski, 2000 como citado em Zanella, 2004; Sirgado, 2000), sendo a relação do sujeito com a sociedade um ponto inexorável para a teoria (Sirgado, 2000), relação esta que acontece de forma dialética e complexa. Visto isso, entende-se que o sujeito não tem determinações *a priori* e permanece em desenvolvimento ao longo de sua vida, por isso o desenvolvimento é entendido como dialético, dialógico, contínuo e não linear (Pereira & Sawaia, 2020).

Aliado a isso, Vigotski aponta as emoções como constituintes do processo de desenvolvimento humano, uma vez que têm papel organizador dos pensamentos, sendo impossível pensar ou agir sem estar afetado por alguma emoção. A emoção não é apenas sentimento, mas é sentido, intencionalidade e vivência. (Kahhale et al., 2022; Pereira & Sawaia, 2020). Por isso, além de social e histórico, o sujeito deve ser entendido como ativo e participativo, pensando e agindo, modificando e sendo constituído pela realidade que o cerca (Clarindo, 2020; Kahhale et al., 2022).

A formação do psicólogo, por sua vez, não poderia ser diferente, é atravessada e constituída pelas relações vividas na graduação e nos outros aspectos da vida. É pelas interações que fui criando novos sentidos, me desenvolvendo/constituindo culturalmente (Sirgado, 2000) e como psicólogo. A relação com o outro, por sua vez, não acontece sem os afetos, independente de qual ordem eles sejam, são as emoções que constroem a atividade e a direcionam, sendo a base do desenvolvimento dos sentidos pessoais (Kahhale et al., 2022). Desta forma, não é razoável explorar a trajetória de estudante até psicólogo sem se debruçar sobre as relações e afetos vividos durante este caminho, só assim será possível, minimamente, uma análise que seja histórico-cultural deste processo.

MARCADORES DA ELABORAÇÃO DESTE TRABALHO

Tendo como objetivo principal deste trabalho compartilhar as experiências deste autor sobre o seu processo de formação em um curso de psicologia, especificamente, sobre o momento de formação clínica que sustenta/prepara para a atuação prática, faltava escolher a forma como registraria o percurso.

Muito provavelmente inspirado pela metodologia do projeto de extensão Diário de Ideias, que utiliza o registro escrito como um de seus pilares, optei por escrever diários sobre meus sentimentos e reflexões a respeito dos impasses e dilemas vividos nesse período, especialmente aqueles que circundavam os primeiros atendimentos. Sempre fui uma pessoa muito do diálogo, da conversa, e pouco me dediquei aos registros escritos e anotações. Apesar de reconhecer a potencialidade das trocas, havia começado a também valorizar os registros, inclusive como forma de mediação dos sentimentos.

O primeiro diário escrito por mim teve como objetivo central narrar sobre a minha trajetória no curso de Psicologia e sobre como o exercício da clínica, como área de atuação, vinha fazendo sentido para mim. Contemplava também muito dos meus sentimentos, e, apesar

de sucinto, senti um lugar de troca, de diálogo comigo mesmo enquanto escrevia. A leitura atenta deste primeiro registro levou-nos (agora em diálogo com a orientadora deste trabalho) a considerar a existência de um destinatário. Desse modo, os diários viraram cartas com diferentes e variados interlocutores, explorando sentimentos, preocupações e experiências vividas. Apesar de identificados os interlocutores, as cartas não foram enviadas.

Assim, como metodologia para a execução deste trabalho optamos por escrever cartas que posteriormente seriam analisadas aqui. As cartas poderiam ser escritas a partir de conversas com amigos, pensamentos que rondam minha cabeça, sobre como tem sido meus atendimentos e sobre qualquer outro fator que me movesse para a escrita.

Fizemos basicamente dois acordos. O primeiro foi que a escrita não seria reeditada. Seria um documento que, a despeito do desejo infinito de reescrever, permaneceria fiel à sua primeira versão. E o segundo foi que, após escritas, leríamos as cartas somente no momento da análise. Esses acordos tentavam cuidar de uma reedição constante, visto que a escrita é sempre momento de interlocução consigo mesmo e com o outro, como aponta Larrosa (2009): “Nela te escrevo eu, é claro, porém te escrevo com todas as vozes que misturei com a minha ou, melhor dizendo, com todas as vozes que constituem a minha.” (p. 12).

No total escrevi sete cartas, uma para a orientadora deste trabalho, duas para amigos, uma para o próprio trabalho de conclusão de curso e as três outras para mim. Não foi um processo fácil. Fiquei um tempo sem escrever, buscando entender quais afetos me atravessavam. Acredito que esses sentimentos aparecem nas cartas sendo que, exceto uma, todas as cartas tem como temática minhas angústias, medos, preocupações e dúvidas.

Com as cartas escritas, o próximo passo foi o iniciar o processo de análise. As reuniões de orientação do TCC foram compostas por mim, pela orientadora e duas outras orientandas. Essas supervisões eram para discutir leituras, pensar e criar sentidos possíveis caminhos de pesquisa, e foram feitas em grupo para que todos pudéssemos ser ativos e

participativos, acreditando na potência do grupo, estimulando as trocas, dúvidas, questionamentos, sugestões e ideias. Como primeiro processo de análise, liguei um gravador e fiz a leitura das cartas para o grupo. Nesses encontros compartilhamos as nossas impressões, cada um falava o que mais tocava, com o que se identificou, e eu contava um pouquinho sobre como foi meu processo de escrita, o que eu estava sentindo e pensando quando escrevia.

Em momento posterior, escutei os áudios, transcrevi as análises produzidas e à luz do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural, busquei desenvolver compreensões sobre esses marcadores do meu trajeto.

A leitura atenta das cartas, e posterior discussão, apontam que em geral elas registram momentos de reflexão a respeito da formação em psicologia e seus atravessamentos. De modo específico, abrem diálogo com os afetos sentidos no percurso, fazem referência sobre a relação compartilhada no cotidiano com os pares e, especialmente, destacam os dilemas que circunscrevem tal formação como: contraste entre cognição e emoção, diferentes composições sobre ser um bom psicólogo, necessidade por resultados rápidos, medos e dúvidas em geral.

DESCOBRINDO O CAMINHO

Na introdução me perguntei quais “portas” precisaria atravessar para me tornar um psicólogo. O Instituto de Psicologia da UFU possui uma porta física que divide as salas de aula do Centro de Psicologia (Clínica). O acesso restrito para os estagiários, é quase um portal para ser estagiário. Por ter feito meu estágio básico no modelo EAD não tive a oportunidade de entrar na clínica no quinto período, desta forma, atravessei a porta dos psicólogos apenas em uma disciplina do sétimo período, na qual fizemos triagens de alguns casos.

Demorei sete períodos para poder atravessar uma barreira física que me fizesse (simbolicamente) sair da posição de estudante, que me colocasse na posição de estagiário,

porém, quando pensados em barreiras simbólicas, o assunto fica um pouco mais complexo. O mais interessante disso tudo é que ser estudante de Psicologia, por si só, já carrega algum poder, não é incomum pessoas fazerem perguntas ou contar sobre problemas do cotidiano, mas isso não foi suficiente para ir me levando, nem que aos poucos, para a próxima etapa. Além disso, eu também demorei para reconhecer que estava aprendendo os conteúdos teóricos, então pouco me sentia preparado para ser Psicólogo.

Ao chegar no sétimo período, quando atravessei a porta pela primeira vez, eu sabia que tinha algum conhecimento, mas não acreditava ser o suficiente. Para a minha sorte, minha primeira experiência na clínica foi realizada em trio, deste modo, pude compartilhar os medos e inseguranças, mas também apoiar e ser apoiado na hora do atendimento. Em minhas cartas descrevi esse momento dizendo que: “foi a primeira vez que entrei em uma sala da clínica com pacientes, inaugurando essa minha nova versão (Psicólogo)”; “foi muito importante para que eu pudesse começar a me enxergar como Psicólogo”.

Para pensar essa transição, separei alguns assuntos importantes que estiveram presentes em minhas cartas e que me acompanharam nesta trajetória.

Quem caminha comigo?

“Em alguns momentos me peguei falando rápido, assim como a mãe da paciente, quase não dando tempo entre a resposta e uma nova pergunta, mas então vi vocês fazerem perguntas, também pareciam um pouco nervosos, mas faziam com calma, ouviam atentamente, refletiam e, então, perguntavam” (Carta 4)

Separei o trecho acima pois sempre que leio fico pensando em como o contato com meus amigos, professores e até pacientes foram me ajudando a trilhar o caminho de estagiário até Psicólogo. Sirgado (2000) confirma meu pensamento ao referir que a constituição cultural

se dá por meio da relação com o outro, pois ela torna possível a significação do mundo, ou seja, é pelo contato com o outro que o eu se cria sua subjetividade, com o outro sendo ao mesmo tempo objeto e agente da internalização, isso quer dizer que o homem é obra do próprio homem, se constitui na relação (Pino, 2018). O autor fala da constituição cultural de forma geral, mas na formação em Psicologia não teria como ser diferente, uma vez que são as situações experienciadas que vão constituindo a subjetividade (Lima et al., 2020), experiências estas que surgem no contato com o outro, nos papéis sociais que prestamos e que nos deixam marcas (Clarindo, 2020).

Como já disse anteriormente, o meu primeiro atendimento foi a triagem realizada em uma disciplina do 7º período, mas foi em trio, meu primeiro atendimento sozinho foi apenas no estágio e na minha quarta carta conto um pouco sobre como me senti. Nesta carta falo de muitos assuntos importantes, relembro como foram os sentimentos de atender pela primeira vez e falo sobre algumas preocupações e dificuldades que senti. Porém, ao fazer a análise desta carta, o primeiro ponto que começo a pensar é que escrevo uma carta sobre algo tão íntimo dedicando a dois amigos, isso me colocou a pensar sobre a importância dos nossos pares durante a graduação. Por isso me pergunto, quem anda comigo? Quais as paradas que faço no meio do caminho? Como elas me tocam?

Não por coincidência, a carta número dois também tinha sido escrita para amigos, e nela contei um pouco de onde surgiu minha vontade de fazer um TCC envolvendo a atuação clínica. Em certo momento digo que “olho para trás e vejo o quanto era importante um espaço no qual podia contar como me sentia e, além disso, um espaço com pessoas interessadas e curiosas sobre como estava sendo, por isso eu o utilizava bastante.”. Este trecho mostra a minha necessidade por um espaço de escuta, um espaço em que pessoas estivessem atentas e interessadas, não apenas para saber curiosidades sobre o caso, mas como eu estava me sentindo frente a eles.

É perceptível que além de se constituírem no meu caminho com psicólogo, os espaços de escuta e troca foram muito importantes para mim, o que fica evidente quando termino a carta agradecendo a elas por “ por terem me escutado, me ajudado [...]” e digo que poder falar e ouvir “me levou para um outro lugar de reflexão, me permitindo olhar não só para o andamento de meus casos, mas também para a minha construção como Psicólogo.”. Percebendo o quanto essas trocas foram importantes para mim, me pergunto novamente: quais espaços de escuta temos?

Não sei se as aulas estão neste lugar, muitas vezes são conteudistas, se apegando a necessidade de falar sobre conceitos das abordagens ou formas de atuar. Uma segunda opção seria a supervisão e essa acho que cabe muito bem neste espaço de fala e escuta. Minhas supervisões sempre foram muito abertas para falarmos sobre nossos sentimentos, porém, na maioria das vezes, eu aproveitava esses espaços para falar sobre o meu manejo no caso, como se estivesse apenas buscando técnicas para atuar frente à eles, não me servindo como um espaço de reflexão sobre meus sentimentos e afetos.

Desta forma, outra pergunta me surge: como eu construí a ideia de que supervisão é apenas espaço de ler relato, de discutir formas de atuação e não um lugar de pensar sobre os sentimentos despertados na atuação e no processo de construção de Psicólogos? Certo dia estava em uma conversa com uma colega e ela disse que não gosta de falar de Psicologia fora das aulas, o que me fez ficar pensando o que estamos definindo como Psicologia, como construímos que Psicologia é apenas conteúdo, não tendo lugar para afeto.

O afeto será abordado posteriormente, mas Silva et al. (2013) e Clarindo (2020) apontam que a Psicologia, ao longo dos anos, foi sustentada tendo como base uma crença na neutralidade, muitas vezes não considerando a realidade da sociedade. Por conseguinte, a profissão é realizada com o objetivo de controle e ajustamento, com práticas que apenas

reproduzem essa forma de ver o mundo, o que parece explicar como essa forma de entender Psicologia está consolidada na sociedade e nos cursos de graduação.

Na minha trajetória e observando minhas cartas percebo que para mim, fui descobrindo essa Psicologia que está além do conteúdo, mas que abre espaço para diálogo, afeto e sentimento, com conversas que não foram feitas apenas dentro do campus. Vejo como foi importante ter espaços em que eu pudesse falar sobre meus sentimentos, sobre minhas dúvidas e angústias sobre esse caminho, me fez olhar para mim de outras formas e possibilidades

É nesse processo dialético dos encontros com os outros (colegas, professores e pacientes) que fui me constituindo como Psicólogo. Impossível separar meu desenvolvimento como terapeuta e o do paciente no próprio processo terapêutico, essas relações compõem o processo de forma dialética, transformando o espaço terapêutico em espaço de novas possibilidades de sentido e significação (Clarindo, 2020; Rey, 2007) para mim e para eles.

Afetos

Na carta dois conto que “[...] olho para trás e vejo o quanto era importante um espaço no qual podia contar como me sentia e, além disso, um espaço com pessoas interessadas e curiosas sobre como estava sendo, por isso eu o utilizava bastante.”, o que evidencia que esse tópico só é possível pela existência do tópico anterior, já que é no contato com o outro, disposto a me ouvir, que pude começar a pensar e perceber o quanto meus sentimentos são importantes tanto para minha construção como terapeuta como para os atendimentos dos meus casos.

As minhas cartas foram um extensão do meu espaço de escuta, por isso não era incomum ver trechos como: “[...] estou te escrevendo essa carta para podermos pensar sobre o que estamos sentindo sobre nossa formação enquanto Psicólogos” (Carta 3); “Essas fantasias

individuais sobre atendimento nos seguem e cegam, me fazem sentir perdido e, por vezes desanimado” (Carta 6); “[...] dessa vez estou escrevendo essa carta emocionado” (carta 7). Esses são alguns dos trechos que mostram como eu usava esse espaço para falar dos afetos e sentimentos que me atravessaram nessa trajetória, me ajudando a pensar sobre eles e perceber como essas reflexões estavam sendo importantes, tanto para os casos, quanto para minha formação.

Após começar meus atendimentos fui percebendo que também sentia necessidade de falar do que eu sentia enquanto atendia os casos, o que pra mim parecia um tabu, como se eu não devesse ter ou demonstrar sentimentos a respeito dos meus atendimentos. Na carta 6 escrevo um trecho que evidencia minhas preocupações pelos meus sentimentos sentidos: “Esse sentimento de não querer atender, de fugir dessas responsabilidades sempre entra em conflito com um outro sentimento, que é o de culpa, culpa por achar que não deveria pensar nessas coisas, que eu deveria estar me sentindo bem com o caso, que não deveria estar tão afetado”.

Não sabia de onde vinha o medo de falar sobre meus sentimentos, mas era como se o psicólogo não pudesse sentir, se afetar, isso seria ruim para o processo terapêutico e precisei de tempo para me soltar dessa visão do ser psicólogo. Martins e Carvalho (2016) explicam que mesmo após muitos avanços, a psicologia ainda afirma a dualidade afeto-cognição, sendo este um desafio teórico prático. Ainda, a Psicologia tem entendido o homem cada vez mais próximo à máquina, com explicações causais e com entendimento de educação de que o sujeito deva controlar seus impulsos, pois não são aceitos socialmente (Machado, Facci & Barroco, 2011). Isso acontece pois a afetividade é entendida como perigosa, pois é algo individual e incontrolável, sendo negativa, patologizada e, portanto, deve ser negada (Machado, Facci & Barroco, 2011).

Isso explica esse distanciamento da Psicologia clínica do afeto e na graduação não seria diferente, já que a várias disciplinas utilizam abordagens que se sustentam a partir da neutralidade do psicólogo. A Psicologia Histórico-Cultural, no meu curso de graduação, muitas vezes é apenas estudada pensando na atuação em Psicologia Escolar e Educacional, não tendo a oportunidade de conhecer formas de atuar na Clínica diferentes das que já estão consolidadas. Deste modo, ao chegar nos estágios em clínica eu sofria por sentir, algo que, até então, eu não sabia ser aceitável e muito menos importante.

Com o passar do tempo fui me incomodando com essa forma de ser Psicólogo, e na mesma carta 6 escrevo: “Não sei o que nos leva a isso, mas sei que se afetar também só mostra que do outro lado tem uma pessoa, que sente, que vive, e tenho tentado cada vez mais aceitar que isso é importante para o atendimento, é preciso alguém que sinta, que se sinta tocado, atravessado por sejam lá quais emoções.”. Neste momento eu vivia uma dualidade, pois queria me desgarrar desta forma de ser psicólogo, mas ainda era afetado por ela, o que me fez me apegar ainda mais em leituras para poder entender melhor outras formas de atuar.

A Psicologia Histórico-Cultural, baseando-se no materialismo histórico-dialético marxista, rompe com essa dicotomia entre razão e emoção, apoiando na dialética para explicar o conceito, e Vigotski (1997 como citado em Machado et al., 2011) afirma que coloca as emoções em segundo plano durante seu processo de desenvolvimento, distanciando o homem do contato com suas emoções. O autor supera essas ideias negativas a respeito das emoções, pois as caracteriza como um processo psicológico que possui estreita relação com os outros, atuando como mediadora, conectando, por exemplo, realidade imediata e imaginação (Machado et al., 2011).

Por isso, fui me encontrando com essa Psicologia que não me entende como neutro na relação, que garante que o olhar crítico é justamente entender que você também não está de fora desse círculo de forças (Machado, 2014; Silva et al., 2013) e, por isso, valoriza meu

sentir, garante a importância de entrar em contato com os sentimentos gerados na relação com o outro (Silva, 2004) de afetar e ser afetado (Machado, 2014). Afeto que é entendido como essencial na relação de qualquer sujeito com outro objeto, isto é, que um conteúdo seja apreendido/apropriado é necessário que este conteúdo afete o sujeito, impossibilitando a possibilidade de que uma relação entre sujeito e objeto possa ser isenta de componentes afetivos (Martins & Carvalho, 2016).

E é devido a isso que Vigotski (2001, como citado em Martins & Carvalho, 2016) destacou que as emoções estão presentes na formação de todas as funções psíquicas. Conhecer o afeto é capaz de alterá-lo, tirando-o de um estado passivo e levando-o para um estado ativo, que é o estado no qual o sujeito atua sobre o objeto, potencializando a atividade. Para a teoria, o afeto entre sujeito e objeto é o que participa na mudança das necessidades em motivos. São nessas relações que o sistema psíquico é mobilizado, ou seja, ele reage ao mundo a partir de afeto, sensações, percepções, atenção, linguagem, entre outras (Martins & Carvalho, 2016). Isto torna impossível pensar a atuação prática do psicólogo sem a consideração dos sentimentos e afetos.

Minhas preocupações

Em minhas cartas não faltaram questionamentos sobre minha prática, que apareciam nas cartas de forma parecida com um desabafo. O medo de errar, a vontade de oferecer um atendimento de qualidade e a necessidade de resultados rápidos parecem estar interligados, me fazendo sempre me questionar, me pressionar e culpar.

Na carta 3 digo que “me peguei pensando sobre a qualidade dos atendimentos que estou oferecendo.” e que “fiquei refletindo se, de fato, estamos caminhando para algum lugar” e completei dizendo que “me sinto envolto por essa necessidade de uma clínica com resultados rápidos e explícitos.”. Os trechos mostram que me reconhecia quase como o

personagem principal do atendimento, praticamente deixando de lado o reconhecimento da importância do outro no próprio processo.

Durante minha trajetória fui refletindo sobre isso e em um trecho da carta 3 digo que “Eu já li textos que criticam essa clínica imediatista, já li textos que me fundamentam sobre a minha crença em uma clínica que fuja dessas amarras desta sociedade que faz essas demandas urgentes, tenho comigo a importância do processo e é justamente por isso que acredito ter ligação com o meu processo de construção de mim mesmo como Psicólogo”, apesar disso, a necessidade dos resultados ainda me dominava, como podemos observar neste trecho da carta 5 “[...] às vezes crio algumas metas nos atendimentos, acho que não estou de todo errado, realmente é importante pensar sobre e até planejar os atendimentos, o problema é achar que os outros farão tudo que espero, e que se não acontecer não foi um bom atendimento.”, que mostra que continuei negando a importância do outro e me entendendo como sujeito que detém o saber, que é uma posição que o Psicólogo deve evitar (Diehl, Maraschin, Tittoni, 2006).

Ainda em trechos de sentimentos felizes, como na carta 7 que expliquei que “Fico confiante, percebo que o livro não foi apenas uma tentativa frustrada, pois poderia muito bem ser, já que não sou eu que decido o que é ou não importante, mas eu vi, apostei por tanto tempo e hoje vi que não estou perdido no caso, que minha intuição também estava certa.”, percebe-se que fico contente quando algo que preparei deu certo, e que também faz parte do processo, pois o problema não é preparar e planejar atendimentos, muito menos quando eles acontecem como esperávamos, o problema é que fico pensando qual seria meu sentimento caso não tivesse ocorrido como pensei. Imagino que ia pensar estar perdido no caso, em não estar oferecendo um bom serviço e, enfim, não estar entendendo o outro como ativo no processo.

Harzberg (2005) explica que os pacientes ou responsáveis fazem apreciações internas, que repercutem internamente nos estagiários, que já são vistos como figuras de poder e saber, criando expectativas reais sobre nosso atendimento. Acontece que eu, como estagiário, carreguei muitas expectativas a respeito do meu desempenho, por isso, se essas apreciações aconteciam, ou até se deixam de acontecer, sentia os mais diversos sentimentos, positivos ou negativos. Aqui expando e ainda incluo as conversas com nossos pares e as conversas no espaço de supervisão, que sempre mexem e foram me fazendo pensar, duvidar e me questionar.

Foi inundado por esses pensamentos, que me fizeram elaborar 3 tópicos que considerei importantes para me entender como um bom psicólogo. “O primeiro que me vem à cabeça é a escuta atenta, sei que tem dias que estamos mais cansados e tento levar isso em consideração, mas a idealização que temos que Psicólogos me impedem de aceitar que são pessoas e que um dia ou outros podem estar mais desatentos”. “O segundo ponto seria a capacidade de fazer boas perguntas, sei que todo esse tema é complexo e uma pergunta ser boa ou ruim vai depender de muitos fatores, mas vez ou outra saio do atendimento com a impressão de que poderia ter feito perguntas melhores.”. “O terceiro fator seria o que eu chamei de criatividade. Me considero uma pessoa bastante criativa, todavia, fico com bastante medo de não conseguir pensar em alternativas/atividades para fazer nos casos, tenho medo de me acomodar apenas nos jogos da clínica ou de indicações dos outros”. Rey (2007) afirma que o terapeuta deve se posicionar como sujeito que participa do processo, deve construir hipóteses, mas não ser um reprodutor de conteúdo teórico, onde apenas aponta soluções. Hoje olho e fico pensando como esses pontos são exclusivamente meus, como eu tenho que me portar, como eu tenho que planejar e fazer acontecer, como eu tenho que ser criativo para fazer bons atendimentos e boas perguntas, sem pensar qual o papel do outro no próprio processo, agindo como detentor de um saber absoluto sobre o processo do outro (Lima, 2020).

Complementando, em uma das cartas escrevo que “[...] essa paciente me conta que está se sentindo bem, que sai mais aliviada sobre alguns pontos sensíveis que conseguimos conversar, mas parece que isso não é suficiente [...]”. Isso só reforça minha visão de que a paciente não era importante para o seu próprio processo, seria necessário sanar minhas expectativas e minhas visões sobre o caso, em outras palavras, se eu não fizesse o que achava necessário, não seria o suficiente.

O FIM DO CAMINHO?

Como dá pra perceber, em algum momento na graduação fui criando um entendimento de que ser psicólogo é ser figura de saber e que, então, eu (na figura de psicólogo) seria o grande responsável pela eficiência do processo, culpando-me caso eu achasse que não estava cumprindo esses objetivos. O importante de entender é que a eficiência é, neste caso, planejada a partir de minhas expectativas, isto é, novamente partindo de um ideal de psicólogo como responsável do processo e desconsiderando o outro como ativo nele.

Paparelli e Martins (2007) explicam que a clínica-escola compõe o momento de transição entre a formação e o exercício profissional e são serviços que possuem duas principais finalidades, a primeira é a oferta de atendimento à população e a segunda é ser um espaço para que os estudantes entrem em contato com a prática clínica. Deste modo, é comum que este serviço enfrente o desafio de oferecer um serviço de qualidade e um espaço de aprendizado (Paparelli & Martins, 2007; Amaral et al., 2012).

Reflico como o desafio de oferecer um bom serviço e formar profissionais recaiu sobre mim. Como eu disse anteriormente, sempre quis oferecer um serviço de qualidade, e quando penso que meu público de trabalho são seres humanos, suas dores e sentimentos, sinto o peso de oferecer o melhor serviço possível. Eu ofereci dedicação, leitura, compromisso,

sensibilidade, cuidado e atenção, ainda assim me questiono se manejei da melhor forma possível, com essa angústia presente durante todo o processo de estágio.

Aliado às dificuldades da clínica-escola, Silva et al. (2013) explica que a crença em uma neutralidade científica foi a base da Psicologia, acreditando na possibilidade de compreender a realidade de maneira imparcial. Devido a isso, a Psicologia muitas vezes é realizada/utilizada como forma de controle, ajustamento e adequação. Desta maneira, a sociedade entende o Psicólogo como tendo que cumprir essas funções, gerando as apreciações internas, ditas anteriormente. Eu, como estudante de Psicologia, aceitei essa ideia, demorei para conhecer uma Psicologia diferente das já estabelecidas para a Psicologia Clínica. Contrapondo essa ideia, Matos (2000) explica que o Psicólogo deve ser mais do que um técnico e aplicador de instrumentos, deve fazer uso criativo do conhecimento, realizando interações entre a teoria e a prática, considerando as incidências sociais, não se rendendo à essas forças (Machado, 2008), fugindo da posição de detentor de saber (Diehl, Maraschin, Tittoni, 2006).

Fico contente de olhar meu caminhar e perceber os encontros que fui fazendo no decorrer do caminho, em dar valor a eles e poder ir aprendendo e me questionando. Muitas vezes o caminho foi difícil, mas percebo que ainda continua sendo, então fazer o movimento de olhar para trás só traz mais perguntas sobre o ser psicólogo, mas em meio a tantas dúvidas tenho uma certeza, a de que o caminho estudante-estagiário-psicólogo é poroso, sendo assim, seus limites são fluidos, complexos e tortos. Podemos pensar que, mesmo antes de se formarem, estudantes e estagiários já começam a ensaiar sua atuação como psicólogos, assumindo responsabilidades e compromissos desta profissão. Por sua vez, mesmo após formados, os psicólogos não ficam imunes às necessidade dos estudos, os medos, dúvidas, angústias e cobranças, que também são vivenciadas pelos não-formados, evidenciando a porosidade desses caminhos.

Minha trajetória no curso de graduação em Psicologia foi cheio de dúvidas, incertezas, medos, mas também foi tomado por afeto, carinho, cuidado e sensibilidade. O meu caminho foi singular e o que o faz único é a partilha, assim como o de Valentim, foi repleto de paradas e encontros que me constituem e constituem o Psicólogo que estou me formando, assim como afirma a Psicologia Histórico-Cultural. Foram nos encontros que me questionei, que aprendi, que me desesperei e me acalmei, que aprendi a ter sensibilidade. Foram nas paradas que me vi curioso, interessado, que conheci a escuta atenta. Fui conhecendo essa forma de ser psicólogo, me aproximando e me distanciando daquela posição do saber absoluto, me dispus a escutar, a ser muito mais do que um aplicador de instrumentos.

A escrita deste trabalho dá razão à mãe de Tim Tim. O trajeto estudante-estagiário-psicólogo ganha sentido durante a andança, marcada por dúvidas, medos e inseguranças, assim como pelos encontros. Temos aprendido com a mãe de Tim Tim sobre os caminhos, caminhar e destinos, que o valioso não é simplesmente formar, mas também a andança que me leva ao título de Psicólogo. Além disso, o caminho não termina aqui, as andanças são cotidianas e diversas, da mesma forma que no outro dia Tim Tim caminha novamente para casa de sua avó, com outros encontros, atento a novos detalhes, sempre fazendo um caminho diferente.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. E. V., Luca, L., Rodrigues, T. C., Leite, C. A., Lopes, F. L., & Silva, M. A. (2012). Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 37-52.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&tlng=pt.

- Braz-Aquino, F. de S., & Albuquerque, J. A. de .. (2016). Contribuições da Teoria Histórico-cultural para a prática de estágio supervisionado em Psicologia Escolar. *Estudos De Psicologia*, 33(2), 225–235. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200005>
- Clarindo, J. M. (2020) *Clínica Histórico-Cultural: caracterizando um método de atuação em psicoterapia*. (Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará).
- Diehl, R., Maraschin, C., & Tittoni, J. (2006). Ferramentas para uma psicologia social. *Psicologia Em Estudo*, 11(2), 407–415. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200020>
- Genifergerhardt. (2014). *Caminhando com tim tim*. <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>
- Herzberg, E. (2005). Preliminares terapêuticos durante o processo psicodiagnóstico: vivências dos psicólogos em formação. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 25(5). <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94625209>
- Kahhale, E. M. S. P., Montreozol, J. R., & Brambilla, B. B. (2022). Sobre A Prática Clínica Na Perspectiva Da Psicologia Sócio - Histórica. In M. I. S. Moreira., & S. M. G. Sousa (Orgs). *Psicologia sócio-histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. (pp. 449-476). Editora da PUC Goiás.
- Larrosa, J. (2009). Cartas aos leitores que vão nascer. <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2014/12/jorge-larrosa-carta-aos-leitores-que-vc3a3o-nascer-traduzido-para-portuguc3aas.pdf>
- Lima, A. I. B (Org.). (2020). *Cartas para Vigotski: ensaios em Psicologia Clínica Histórico-Cultural*. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará.

- Lima, A. I. B., Neto, J. da S. O, Clarindo, J. M (Orgs.). (2023). *Práxis na Clínica Histórico-Cultural: Por uma clínica da transformação e do desenvolvimento*. Fortaleza:
- Machado, A. M. (2008). A produção das desigualdades nas práticas de orientação (trabalho apresentado no CEU Butantã, no âmbito do Projeto Direitos Humanos nas escolas). <http://www2.fe.usp.br/~cpedh/Desigualdade%20e%20Educ%20Adriana%20Marc.pdf>
- Machado, A. M.. (2014). Exercer a Postura Crítica: Desafios no Estágio em Psicologia Escolar. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 34(3), 761–773. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001112013>
- Machado, L. V., Facci, M. G. D., & Barroco, S. M. S.. (2011). Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 647–657. <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/#>
- Martins, L. M., & Carvalho, B. (2016). A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque Histórico-Cultural. *Psicologia em estudo*, 21(4). 699-710. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v21i4.32431>
- Moretti, V. D., Asbahr, F. da S. F., & Rigon, A. J. (2011). O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 477-485. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 jul. 2016.
- Muniz, L. S. (2020). *Diário de Ideias: linhas de experiências*. Uberlândia: CRV/Edufu.
- Paparelli, R. B., & Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(1). 64-79. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000100006>

- Pereira, E. R., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*. São Carlos: Pedro & João.
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez.
- Pino, A.. (2018). As marcas do humano: pistas para o conhecimento da nossa identidade pessoal. *Educação & Sociedade*, 39(142), 227–236.
<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018191029>
- Ribeiro, D. P. de S. A., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, (28), 135-145.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200011&lng=pt&tlng=pt
- Rey, F. G. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learnig.
- Sá, R. N. de., Azevedo J. O., & Leite, T. L. (2010). Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(2), 135-140.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200002&lng=pt&tlng=pt
- Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, 21(71), 45–78. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200003>
- Silva, S. M. C. (2004). Algumas reflexões sobre a arte e a formação do psicólogo. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 24(4), 100–111.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000400012>

- Silva, S. M. C. da ., Pedro, L. G., Silva, D. da ., Rezende, D., & Barbosa, L. M.. (2013). Estágio em psicologia escolar e arte: contribuições para a formação do Psicólogo. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 33(4), 1014–1027. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000400018>
- Souza Filho, E. F., & Martins, E.. (2022). Contribuições da teoria histórico-cultural para a compreensão das questões raciais na educação escolar. *Educação E Pesquisa*, 48. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248239195>
- Zanella, A. V.. (2004). Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia Em Estudo*, 9(1), 127–135. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100016>

ANEXOS

Carta 1 - 23/03/2023

Paula,

Estou vindo aqui te contar um pouco sobre o que estou pensando e sentindo sobre o meu TCC e, para isso, vou contar um pouquinho da minha experiência na clínica. Tudo se inicia no meu estágio básico, quando acompanho uma outra estudante em seus atendimentos, que eram online devido à pandemia de COVID-19. Eu teoricamente tinha liberdade para poder participar, porém nunca quis atrapalhar o processo que a Psicóloga estava realizando, caminhar para fora do que ela estava pensando, uma vez que sentia que realmente iria, com minha inexperiência e com pensamentos diferentes, atrapalhar. Desde aquele momento decidi que queria muito conduzir um atendimento, mas, neste meio tempo vivi o sexto e sétimo períodos, a pandemia se foi e me vi cada vez mais perto desse atendimento.

A partir daqui preciso voltar ainda mais na minha história, pois venho de uma família que em algum momento já teve um pouco mais de dinheiro, depois um pouco menos (mesmo sem faltar nada), hoje minha mãe tem construído sua vida, mas a questão é que nunca fiz psicoterapia, o que sempre me trouxe muita insegurança em relação a minha prática. Com isso, nunca vivi aquele espaço, nem mesmo como paciente, ficando com muitas dúvidas e expectativas sobre como seria estar naquele espaço.

Então, gostaria de discutir como foram minhas primeiras impressões sobre meu primeiro atendimento, além de discutir um pouco dos sentimentos que me foram despertados com o decorrer deles.

Desta forma, queria contar sobre como foi chamar o paciente, como foi entrar dentro da sala, segurar o nervosismo e poder estar ali com uma escuta atenta e empática. Como foi o silêncio, quais foram meus pensamentos e dúvidas. Com o decorrer do atendimento a gente se questiona sobre: nossa capacidade seja de atender ou de refletir; sobre o desenvolvimento do caso; sobre a preocupação com um processo com resultados rápidos que, apesar de saber que não devo me cobrar sobre essa velocidade, esse pensamento está instaurado, cada vez mais vivemos nessa necessidade de processos e resoluções rápidas e fáceis.

Carta 2 - 08/04/2023

Querido apartamento 304,

Para todos os futuros leitores que não estão familiarizados, apresento a vocês o apartamento 304, composto pela Beatriz, minha namorada, Laísia e Mafer. As três são muito amigas, compartilham ideias e a vontade de conversar, pensar e refletir sobre qualquer coisa. Por isso, este espaço (físico ou não) me proporcionou e ainda me proporciona conversas dos mais variados temas, mas hoje, irei falar um pouquinho de como foram nossas conversas sobre a clínica.

Quero começar dizendo que no início, lá pra meados do semestre passado, deve ter sido bastante emocionante me escutar falar sobre como estava sendo o meu início na clínica, mas, pode ser que vez ou outra tenha ficado cansativo (isso é apenas uma hipótese), uma vez que olho para trás e vejo o quanto era importante um espaço no qual podia contar como me sentia e, além disso, um espaço com pessoas interessadas e curiosas sobre como estava sendo, por isso eu o utilizava bastante.

Essa curiosidade que eu percebia que vocês tinham sobre a clínica também era a mesma que eu tinha, talvez por isso sentia bastante necessidade de contar sobre como era pra mim viver esses momentos. Quero então deixar aqui meus agradecimentos por terem me escutado, me ajudado e por terem se alegrado com meus passos.

Conforme fui me aprofundando mais na clínica, fui me apaixonando, percebi esse espaço como desafiador, como difícil, emocionante, mas também como gostoso de estar, porém todas essas questões inundaram minha cabeça de reflexões e pensamentos. O fato de poder conversar com vocês, poder falar e ouvir, me levou para um outro lugar de reflexão, me

permitindo olhar não só para o andamento de meus casos, mas também para a minha construção como Psicólogo.

Por isso, meninas, acho que são dessas conversas que nasce o meu interesse por discutir minhas experiências na clínica. Eu ainda não sabia como isso seria feito, apenas sabia que queria fazer um TCC que pudesse servir para entender como os estudantes de Psicologia se sentem neste momento tão importante da graduação. A ponto é que aqui vocês também puderam me ajudar, pois também via a preocupação de vocês sobre os futuros atendimentos, e hoje vejo que estão atendendo e também possuem alguns anseios que tinha/tenho, por isso vejo a importância de um trabalho que discuta o início dos atendimentos de um estagiário de Psicologia.

Carta 3 - 08/04/2023

Querido João Felipe,

Pode parecer clichê, mas acho que para escrever sobre o que estou sentindo, essa carta só poderia ser endereçada a mim mesmo. Você já sabe disso kkkkk, mas estou te escrevendo essa carta para podermos juntos pensar sobre o que estamos sentindo sobre nossa formação enquanto Psicólogos. Eu tinha muitas outras ideias de cartas para escrever antes desta, mas acontece que esta noite, assim como algumas outras, me peguei pensando sobre a qualidade dos atendimentos que estou oferecendo.

Esse é um sentimento que me preocupa muito, acredito que não só a mim, mas a maioria dos estagiários de Psicologia, mas aqui posso me dispor a falar apenas sobre mim e é isso que farei. Sinto que sou bastante comprometido com meus atendimentos, por isso me preocupo com a qualidade do serviço que estou oferecendo. Como disse, essa noite me peguei pensando sobre uma paciente em específico e fiquei refletindo se, de fato, estamos caminhando para algum lugar. Ao mesmo tempo fico revivendo os momentos que essa paciente me conta que está se sentindo bem, que sai mais aliviada sobre alguns pontos sensíveis que conseguimos conversar, mas parece que isso não é suficiente, me sinto envolto por essa necessidade de uma clínica com resultados rápidos e explícitos.

Veja, você sabe que não acredito nesse tipo de clínica, você sabe que valorizo o processo, como me ensinou o Tim Tim, e muitas vezes me sinto contente sobre a forma como tudo está caminhando, porém são esses pequenos dias de dúvida que me incomodam. Eu já li textos que criticam essa clínica imediatista, já li textos que me fundamentam sobre a minha crença em uma clínica que fuja dessas amarras desta sociedade que faz essas demandas

urgentes, tenho comigo a importância do processo e é justamente por isso que acredito ter ligação com o meu processo de construção de mim mesmo como Psicólogo.

Sei que o estágio é o momento de arriscar, aprender, tentar e errar, mas veja, pra mim é muito importante que essas pessoas que são atendidas por mim recebam um bom atendimento, até por acreditar em um serviço que deva ser público, gratuito, mas também de qualidade, então até me permito arriscar e errar, mas me preocupo com a andança do processo, me questiono sempre se estamos indo pra algum lugar ou se estamos parados.

Sabe João, parece que estou totalmente desacreditado sobre meus atendimentos, mas quero ressaltar que não é isso, que vejo pontos importantes de evolução neles e na minha prática, e por isso vejo que tenho dificuldades, reflito e tento melhorar, mas o fato é que me cobro bastante. Tem dias que estou confiante, que percebo que estou fazendo um bom trabalho, que aceito o elogio das pessoas, mas tem dias que tenho dificuldade de olhar e perceber se realmente ta indo ou se estamos estagnados e eu estou aceitando isso. Acho que talvez essa cobrança me tire do conforto, que me coloque sempre a pensar e a estar disposto e presente durante os atendimentos, pelo menos é o que espero que esteja acontecendo.

Sei que existem sessões que estamos mais dispostos e outras que estamos menos, que às vezes até analiso como melhores ou piores. Apesar de não gostar desse juízo de valor, mas ressalto aqui que ele é realizado sobre o que percebo do meu desempenho naquele atendimento, não sobre a andança do caso. Mas fico pensando que talvez sejam esses dias que depois me levam a pensar se realmente estou dando meu melhor e se estou conseguindo caminhar com os casos.

Agora que estou escrevendo, vejo a importância de pensar quais os fatores que me levam a definir o meu desempenho como bom ou ruim. O primeiro que me vem à cabeça é a escuta atenta, sei que tem dias que estamos mais cansados e tento levar isso em consideração, mas a idealização que temos que Psicólogos me impedem de aceitar que são pessoas e que um dia ou outros podem estar mais desatentos. Só quero ressaltar que isso não acontece com frequência.

O segundo ponto seria a capacidade de fazer boas perguntas, sei que todo esse tema é complexo e uma pergunta ser boa ou ruim vai depender de muitos fatores, mas vez ou outra saio do atendimento com a impressão de que poderia ter feito perguntas melhores. O terceiro fator seria o que eu chamei de criatividade. Me considero uma pessoa bastante criativa, todavia, fico com bastante medo de não conseguir pensar em alternativas/atividades para fazer nos casos, tenho medo de me acomodar apenas nos jogos da clínica ou de indicações dos outros. Sei que faço várias coisas com meus pacientes, mas sempre trago esse questionamento

comigo, justamente para que eu não perca essa criatividade para preparar um atendimento ou para pensar no que podemos (eu + meus pacientes) fazer.

Sabe, João, fui falando sobre muitas coisas aqui, mas consegui perceber que minhas preocupações e meus medos estão em dois campos: o do andar do caso; e o da minha atuação nele. Sei que aqui faço uma análise partindo apenas da minha experiência, sem de fato considerar os sentimentos dos pacientes a respeito do seu próprio caso. Porém entendo que aqui é o espaço no qual eu deva trazer minha experiência e como estou me sentindo em relação à ela, buscando pensar quais são os pensamentos daqueles que estão vivendo a experiência de iniciar seus estágios em Psicologia Clínica.

Carta 4 - 01/05/2023

Matheus e Karina, como vão?

Escrevo para vocês para dizer que esses tempos comecei o atendimento com novos pacientes, isso me fez pensar como foram esses atendimentos em comparação ao meu primeiro. Antes de tudo, então, vou relembrar como foi meu primeiro atendimento, mas, para isso, tenho que voltar ainda antes do estágio profissionalizante, olhando para as triagens realizadas no Estágio Básico em Psicologia Escolar. A triagem foi o primeiro contato com pacientes presencialmente, foi a primeira vez que entrei em uma sala da clínica com pacientes, inaugurando essa minha nova versão (Psicólogo). Ainda que estagiário, quando entramos na sala com os pacientes, foi assim que me senti, e acompanhando isso percebi o tamanho da responsabilidade, por isso sempre tentei ser muito comprometido nesses momentos.

A triagem então, foi muito importante para que eu pudesse começar a me enxergar como Psicólogo, mas, para isso, passamos por alguns sentimentos complicados, que perpassam por autoconfiança e autoestima baixas, medo e receio, sempre acompanhado de muitas dúvidas. Por isso, olho para trás e percebo que, apesar de querer tanto atender sozinho, vejo a importância de ter vocês ao meu lado no meu primeiro contato. Me senti mais confiante ao lado de vocês, sabia que não haveria julgamento e que vocês estariam ali para qualquer coisa, o que tornou tudo mais leve. E, de fato, eu não estava errado.

Nossas dúvidas já se iniciavam sobre as burocracias da clínica, uma vez que não sabíamos se chamávamos os pacientes ou se as secretárias que nos avisavam e chamavam os pacientes. Enfim, depois de uns minutos, fomos chamar o paciente, foi um momento de um pouco de adrenalina, ali, o primeiro contato com uma pessoa, como Psicólogos, mas estávamos firmes, mais confiantes e fomos para a sala.

Fizemos uma pequena divisão sobre quem anotaria, quem iniciaria falando, mas conduzimos de forma tranquila. Em alguns momentos me peguei falando rápido, assim como a mãe da paciente, quase não dando tempo entre a resposta e uma nova pergunta, mas então vi vocês fazerem perguntas, também pareciam um pouco nervosos, mas faziam com calma, ouviam atentamente, refletiam e então perguntavam. Foi muito importante para mim estar com vocês, pessoas que já conhecia, confiava e admirava, tudo fica ainda melhor quando vamos fazer o relato, discutimos, pensamos juntos e percebemos que tínhamos conhecimento. Tudo isso foi muito valioso para ajudar a construir o Psicólogo que sou hoje, que ainda precisa aprender muito, mas que sabe que tem ao seu lado pessoas que posso me apoiar nas dúvidas.

A partir de agora, vou lhes contar como foi meu primeiro atendimento, para que depois eu possa perceber as diferenças de atendimento. Como as triagens foram feitas em trios e duplas, desta forma, não tive a oportunidade de atender sozinho no estágio básico. Por isso, o meu primeiro atendimento também teve muitas novidades. Pensando agora, percebo que desde as férias já vivia sentimentos a respeito dos atendimentos futuros, era um misto de animação, com preocupação. Atender sozinho é um sonho que carrego desde o estágio básico em clínica, queria poder conduzir, poder fazer perguntas e ver como me sairia. O lado da preocupação tem relação com o medo de não ser bom o suficiente, de fazer algo ruim.

Após a volta às aulas, logo na primeira semana já fomos marcar os atendimentos, assim como no Estágio Básico em Psicologia Escolar, tudo começou com a ligação e agendamento, que foram bastante tranquilos para mim, já que não tenho problemas em falar no telefone. Depois disso, foi apenas esperar o dia do atendimento, ainda com aquelas preocupações na cabeça, mas cada vez mais animado.

Então chegou o dia, logo de cara tive uma primeira lição: Chegar faltando apenas o tempo necessário para se organizar e organizar o espaço para o atendimento. Cheguei muito cedo, os minutos até a hora não passavam, fiquei apenas eu, dentro da sala, me questionando como seria, como eu iria me sair, então, a partir deste dia, cheguei com menos tempo de sobra kkkkkkk. Quando deu a hora, fui até a recepção, chamei a mãe do meu paciente e fomos até a sala. O caminho até a sala foi grande, eu me perguntava se deveria puxar assunto, falar algo, ou se apenas caminhava. Resolvi perguntar se tinha acabado de chegar e se tinha achado a clínica com facilidade, pois não queria ficar andando com aquele clima. Enfim chegamos à sala, eu estava nervoso, falava rápido e estava com calor, me apresentei, expliquei sobre o atendimento, fiz o “contrato” e depois pedi para que ela me contasse o porquê de buscar atendimento.

Apesar deste caso já ter sido triado anteriormente, era importante ouvir a mãe novamente, explorar a queixa, conhecer qual a história desta família e da queixa. A única coisa que eu não sabia é que lá dentro da sala tínhamos que lidar com um silêncio. Silêncio esse que não era do paciente ou meu, mas sim dos intervalos entre as falas e meus pensamentos. Eu estava muito focado, não ouvia nada a não ser a voz daquela mãe e, enquanto ouvia, pensava sobre qual pergunta deveria fazer, sobre qual caminho seguir, fazendo reflexões sobre o que ela me dizia.

Quando penso sobre esse silêncio, vejo dois pontos importantes. O primeiro é que eu estava muito focado no que ouvia, isso é muito bom, eu estava ali para isso, O segundo, porém, é que esse sentimento, que acho que posso chamar de nervosismo, as vezes me impedia de apenas escutar o que a paciente me dizia, uma escuta que fosse atenta e generosa, não uma escuta focada no que perguntar depois e, nesse sentido, acho que pode ser que tenha dificultado um pouquinho.

O atendimento acabou, levei a mãe até a recepção e voltei para a sala, feliz, confiante e disposto para os próximos. Também me vi cansado e ainda precisava escrever o relato da sessão, então percebi como os atendimentos são trabalhosos, demandam muita energia e não acabam quando saímos da sala. Eu já esperava que não seria fácil, mas hoje percebo como não conseguimos parar de pensar sobre nossos pacientes, como eles começam a fazer parte da nossa vida.

Hoje entendo o quanto carregar os pacientes comigo no dia a dia diz também sobre meu comprometimento, minha vontade de oferecer à eles um atendimento que seja de boa qualidade. Não teria como ser diferente, essas reflexões que trago nestas cartas ou nas conversas que tenho, seja em supervisão ou em rodas de amigos, me ajudam a construir o Psicólogo que quero ser, que é dedicado, preocupado, cuidadoso, atento e sensível.

Sabe, agora vejo nós três atendendo e fico muito feliz com o rumo que estamos tomando, nós estudamos, refletimos, nos questionamos e questionamos nossa atuação. Tudo isso para não nos mantermos estáticos, para aprendermos cada vez mais e sermos profissionais cada vez melhores.

No meu último início de atendimento pude perceber como algumas coisas mudaram. Hoje consigo perceber que falo com mais calma e que escuto com mais carinho, assim como a Ka, e hoje consigo ampliar meus pensamentos para fazer perguntas que estão além das óbvias, assim como o Theuzim. Hoje não tenho mais dúvidas sobre poder conversar no corredor, para além disso, sei refletir sobre quais conversas são possíveis nesse espaço. Hoje, meus pensamentos não atrapalham minha escuta, não existe um silêncio que possui espaço para

questionamentos sobre minha atuação, percebo a importância dele, e que é nele que posso refletir sobre o que estou escutando com atenção.

Sabe, percebo que por já termos conversado tanto, sobre os percalços que vivemos nessa construção da nossa clínica, hoje me permito olhar para as situações de forma mais reflexiva, hoje sinto que mesmo quando algo inesperado acontece, sinto confiante sobre o que fazer, penso e repenso, como deve ser o trabalho de um Psicólogo. Acho que hoje tenho mais autonomia para esses pensamentos, mas não consigo deixar de perceber como todo esse caminho é importante, precisei experienciar, me questionar, experienciar e me questionar novamente. Consigo perceber que isso faz parte da trajetória, não dá pra ser diferente, não dá pra se espelhar em pessoas que possuem 20 anos de experiência, e querer ser igual, temos que valorizar a andança, como o Tim Tim nos ensinou.

Carta 5 - 31/07/2023

Querido João Felipe,

Hoje estou passando aqui para falar mais um pouco sobre os sentimentos após os atendimentos. Acho que já falei que por mais que eu saiba que não depende de mim, às vezes crio algumas metas nos atendimentos, acho que não estou de todo errado, realmente é importante pensar sobre e até planejar os atendimentos, o problema é achar que os outros farão tudo que espero, e que se não acontecer não foi um bom atendimento.

O contrário também pode acontecer, saio confiante de um atendimento, sinto que me saí bem, provavelmente por ter cumprido uma dessas metas ou por sentir que manejei as queixas de uma boa forma. Mas, fico aqui pensando sobre essa dicotomia do bom ou ruim, de fato não tem como saber como foi pro paciente. Essas fantasias individuais sobre atendimento nos seguem e cegam, me fazem sentir perdido e, por vezes desanimado

Existem alguns atendimentos que mexem comigo, me desestruturam, saio achando que não fiz o que deveria, não manejei da forma correta, que não deu certo, saio me sentindo péssimo. Recentemente tive um assim, com a mãe de um paciente criança, me senti incapaz, pequeno e despreparado. Esse atendimento culminou com o início das minhas férias, e durante ela pensava ‘Ainda bem que vou entrar de férias, preciso respirar’, mas meus pensamentos também passavam por ‘preciso atender esse caso, não é um bom momento para entrar de férias’.

No meio de minhas férias continuava pensando, fiquei com o sentimento de que não queria o fim, não queria entrar em contato com esses atendimentos que me desestruturam, que me fazem sentir incapaz. No meio disso penso se eu, então, estou dando conta do caso, ou se

deveríamos buscar outra alternativa, outro estagiário mais capaz, talvez. Esse sentimento de não querer atender, de fugir dessas responsabilidades sempre entra em conflito com um outro sentimento, que é o de culpa, culpa por achar que não deveria pensar nessas coisas, que eu deveria estar me sentindo bem com o caso, que não deveria estar tão afetado.

O fim das férias chegou e tivemos uma supervisão, nela resolvi contar sobre como foi esse atendimento, para pensar junto com minha supervisora e meus colegas. Por ter tido tempo para pensar sobre isso nas férias, já estava mais calmo, podendo olhar para o atendimento de uma forma diferente. Enquanto fui contando, percebi que mesmo apavorado, fui refletindo durante o atendimento, fui manejando não de qualquer forma, mas a partir do que estava entendendo. A supervisão ajuda muito nesses momentos, falar nos possibilita ressignificar e poder ver de outra maneira.

Em outras supervisões já tínhamos conversado sobre esse sentimento de não querer atender, de evitar, do cansaço e sobrecarga, principalmente emocional, então sei que outros estagiários também passam por isso. Não sei o que nos leva a isso, mas sei que se afetar também só mostra que do outro lado tem uma pessoa, que sente, que vive, e tenho tentado cada vez mais aceitar que isso é importante para o atendimento, é preciso alguém que sinta, que se sinta tocado, atravessado por sejam lá quais emoções.

Carta 6 - 09/08/2023

Querido TCC,

Amanhã tenho uma reunião com minha supervisora e to sentindo que preciso vir aqui te falar umas verdades e ver o que penso sobre isso enquanto vou escrevendo. A maior verdade é que não queria fazer você, não queria ter que concluir meu curso assim, você me traz angústia, preguiça e talvez insegurança.

Como eu disse, amanhã tenho supervisão, sei que não fiz muito até agora, não cumpri os combinados e estou atrasado, tenho pouco tempo para terminar você e ao mesmo tempo sinto uma pressão muito grande para fazer um bom trabalho. Cometi o erro de reler as cartas, não gostei, parece que não fiz com paciência, sinto que não aprofundei, que não foi o suficiente.

Às vezes tento me convencer que se eu tirar 60 e for aprovado já está ótimo, mas não queria fazer um trabalho ruim, não queria entregar qualquer coisa, mas sinto que estou caminhando para isso, que não vai ficar bom. Sabe o que é pior? A ideia é boa, acho que meu TCC tinha tudo para ficar bom, mas infelizmente não vou dar conta, é isso que sinto. Enfim, não tenho muito para dizer, apenas queria desabafar.

Carta 7 - 11/08/2023

Caro João Felipe,

Acho que das últimas vezes que passei aqui foram para falar de sentimentos ruins sobre os atendimentos. Mas, dessa vez estou escrevendo essa carta emocionado, sentindo-me feliz e capaz. Sai do meu último atendimento com um sentimento muito bom, senti que foi um ótimo atendimento e que consegui fazer coisas que estava querendo a muito tempo e que julgava importante para este atendimento.

Tudo muda muito rápido nos atendimentos, esse é o caso que falei que não estava querendo atender, me sentindo paralizado e, depois de apenas mais uma sessão, saio confiante, confiante de que o caso está caminhando, de que estou conseguindo, mesmo que aos poucos, tocar em pontos importantes desse paciente.

Tenho certeza que tem uma grande diferença de quando planejamos algo para a sessão e não acontece, para quando planejamos e não funciona como imaginávamos. Fiquei durante um tempo querendo ler um livro com esse paciente, acreditando que a partir dele poderíamos falar sobre um dos assuntos importantes, que poderíamos aprofundar, ainda mais, nesse assunto. Depois das férias, achava que nosso atendimento seria frio, já que não nos víamos a muito tempo, então novamente levo o livro, esperando que talvez a arte pudesse nos conduzir para essa conversa. E é dito e feito, meu paciente pega o livro, se interessa, lê inteiro, sozinho, vai discutindo enquanto lê e depois podemos conversar sobre.

A arte fez seu papel, foi pinguela, como diz minha supervisora, nos ajudou a atravessar o rio, mas e eu nessa história? Fico emocionado, vejo-o lendo e acho lindo, mas também penso “eu sabia”, sabia que esse livro poderia ser importante. Fico confiante, percebo que o livro não foi apenas uma tentativa frustrada, pois poderia muito bem ser, já que não sou eu que decido o que é ou não importante, mas eu vi, apostei por tanto tempo e hoje vi que não estou perdido no caso, que minha intuição também estava certa.

Foi um alívio, saí do atendimento até com a respiração mais leve, acreditando tanto em mim quanto no futuro do caso. Como eu disse lá em cima, essa sessão foi, durante muito tempo, planejada e não aconteceu, tinha receio de que poderia acontecer e não ser como imaginei, e de fato, não foi nem perto do que imaginei, mas cumpriu com o objetivo para que tinha planejado, e isso foi maravilhoso. Saí com lágrimas nos olhos, lágrimas de felicidade, as melhores de todas!